



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SILVANA VILODRE GOELLNER (2)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-545

Entrevistada: Silvana Vilodre Goellner

Nascimento: 03/12/1962

Local da entrevista: ESEF - UFRGS

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Fulvio Dickel

Data da entrevista: 14/04/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 1 hora 02 minutos e 44 segundos

Páginas Digitadas: 26 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória do Esporte; Situação inicial do acervo; Equipe; Atividades; Apoios; Estrutura física; Projetos; Temática e constituição dos acervos; Aproximação das Ciências da Informação; Equipe atual; Grupos de Estudos; Garimpando Memórias; Repositório Digital; Políticas de Acervos; Rede de Museus; Pesquisas realizadas; Divulgação das Pesquisas; Atividades de Extensão; Atividades de Ensino; Definição do Centro de Memória do Esporte; Palavras finais.

Porto Alegre, 14 de abril de 2015. Entrevista com Silvana Vilodre Goellner a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo e Fulvio Dickel para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Silvana, muito obrigado pela entrevista e eu queria que você começasse contando como você se envolveu com o CEME¹?

S.G. – Eu me envolvi com o Centro de Memória no final de 1999, início de 2000. Quando o Centro de Memória foi criado eu estava fazendo doutorado em Campinas², não acompanhei o processo de criação do Centro. Quando eu saí, em 1996, tinha uma discussão da criação de um Centro Ibero-Americano de Esporte e Lazer ou um Centro de Memória. Eu fiquei afastada por quatro anos e não acompanhei essa discussão. Então, quando eu volto a Janice³, que na época era a coordenadora do Centro de Memória, tinha sido aprovada no doutoramento. Então, ela pediu se eu não queria coordenar o Centro, ela não queria assumir essa tarefa durante o processo de doutoramento dela. Ela não pediu afastamento da escola, mas ela estava se envolvendo com as atividades do doutorado. Acho que ela saiu em 2000, deve ter voltado em 2004, eu não lembro disso... Mas foi nesse período de transição, então, como eu estava voltando e como eu trabalhava com a disciplina de História da Educação Física e como eu trabalho com história desde sempre na minha formação, foi um pedido meio que natural, no sentido de que era a pessoa que tinha maior envolvimento com a temática na Escola no momento. Então eu assumo nesse período de transição, quando eu estava chegando e a coordenação anterior estava saindo para o doutorado. Eu defendi no final de novembro de 1999 e no início de 2000 eu já estava na Escola, então, deve ter sido nesse período, logo no início de 2000.

C.M. – E qual que era a situação do CEME quando você assume?

¹ Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Universidade de Campinas (UNICAMP).

³ Janice Zarpellon Mazo.

S.G. – Então, o Centro era localizado no Ginásio I⁴, naquela parte de baixo. Ele estava numa situação bem difícil, também porque foi uma época em que o acervo histórico da biblioteca tinha vindo para o Centro de Memória, então, tinham algumas prateleiras com livros. Eu lembro que a sala da coordenação era uma sala com muitos materiais e muito atirado esses materiais. Era um processo... acho que estava em mudança, não lembro direito, até tem umas fotos desse período. Então no material do CEME tinha os livros, mas os acervos ainda não estavam muito constituídos. Tinha uma série de materiais que estavam em caixas, naquela sala pequeninha que tinha ali, nem sei se esta sala ainda existe. Nesse momento a gente começa a organizar de novo a Biblioteca⁵, alguns acervos estavam na Biblioteca, não tinha tanto acervo documental, mas era mais o acervo de livros. Então nesse momento, o que eu lembro é que a gente começa a organizar esse espaço físico do Centro de Memória, muito pautado pelos livros.

C.M. – E qual era a equipe?

S.G. – Quando eu assumi o Centro de Memória tinham duas funcionárias que foram cedidas acho logo depois: a Berenice⁶ que era uma funcionária aqui da Escola e a Tânia Fontoura⁷ que foi redirecionada num período que teve uma mudança dos funcionários da Escola. A Tânia não tinha um local muito específico para atuar e como ela tinha feito História... a Berenice também tinha feito História na graduação, então, elas foram encaminhadas para o Centro de Memória. E tinha também a Taís Virmond que não era funcionária da Escola. Ela tinha uma cedência, eu acho que do Governo do Estado e ficou aqui até a aposentadoria. Nesse período ela trabalhava com a identificação dos acervos da dança.

C.M. – Quais as atividades que você começou a desenvolver no início? Quais as primeiras ações do CEME?

⁴ Ginásio Poliesportivo da ESEF/UFRGS.

⁵ Referência à Biblioteca Edgard Sperb da ESEF/UFRGS.

⁶ Berenice Machado Rolim.

⁷ Tânia Maria Fontoura de Souza.

S.G. – Caramba! É muita coisa! Eu acho que uma das primeiras ações, que eu lembro... Eu comecei no CEME próximo ao aniversário de 60 anos da Escola, que foi em maio, foi um dos primeiros acontecimentos. Foi uma comemoração naquele espaço onde hoje é a sala Morgada Cunha⁸, aconteceu ali. A gente montou uma exposição com fotografias, montou uma exposição com os objetos, o cavalo⁹, o piano... Teve uma abertura com uma performance de dança da Thaís Petzhold. Essa foi uma das primeiras ações em termos de nova coordenação; a Janice participou na organização também, estava presente nesse momento ainda. Quanto à organização dos acervos, eu lembro que logo depois eu aprovei um projeto no CNPQ¹⁰, a verba que eu recebi eu paguei uma museóloga para começar o processo de identificação das peças, que foi a Vera Rangel¹¹. Ela já tinha feito uma proposta quando a Janice era coordenadora e a Rosalia¹² ainda estava envolvida. Ela e uma outra museóloga tinham feito uma proposta para a identificação dos acervos. A Vera ficou trabalhando uns dois ou três anos com a gente nessa identificação. Então, acho que essa foi primeira ação para a identificação dos acervos. Eu lembro que a gente montou uma espécie de oficina de restauro e de higienização lá no fundo do ginásio, em uma sala que estava desocupada, *bem* lá no fundo do ginásio onde era antigamente o gabinete do De Rose¹³. Foi colocada uma pia com água para limpar, então, foi um pouco de identificação, de catalogação e de higienização dos acervos.

C.M. – E, tinha apoio da Escola?

S.G. – Olha! O apoio institucional era que tinha uma ou depois duas funcionárias, uma em cada turno por um período. Depois a Tânia saiu e ficou só a Berenice, mas, grande parte dos projetos foram projetos meus, individuais de pesquisa. Nesses quase vinte anos a sobrevivência do Centro de Memória depende dos meus projetos individuais de pesquisa, tanto no CNPQ, quanto bolsista de Iniciação Científica e depois junto ao Ministério do Esporte como os ligados à Rede Cedes¹⁴ e, posteriormente, o Projeto de Memória do

⁸ Sala localizada no Ginásio Poliesportivo da ESEFID/UFRGS.

⁹ Aparelho de ginástica artística.

¹⁰ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹¹ Vera Lúcia Sperangio Rangel.

¹² Rosalia Pomar Camargo.

¹³ Eduardo Henrique De Rose.

¹⁴ Rede CEDES – Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

Programa Segundo Tempo. Esses projetos facilitaram a compra de uma série de equipamentos. Eu diria que ao longo desses vinte anos a Escola comprou dois, três computadores para o Centro de Memória. Não foi muito mais que isso, então, foi mais no sentido de ajudar... Porque o Centro de Memória não é reconhecido como uma instância, ele é um projeto de extensão, ele não está no organograma da Escola, então, é um projeto que inicia e que acaba, que eu vou renovando a cada ano. Atualmente eu renovo de dois em dois anos, porque, enfim, é permanente, mas ele não tem verba própria, ele não tem algo que garanta sua estrutura, a não ser a Leila¹⁵ hoje, como funcionária.

C.M. – Continuando os apoios, como foi a entrada dos projetos na Rede CEDES?

S.G. – Então, na primeira convocatória da Rede CEDES houve uma conversa por parte dos dirigentes da Rede. Convidaram alguns pesquisadores a submeter um projeto para um edital, a priori que seria produzido, mas houve quase uma demanda para a criação e estruturação de núcleos da Rede CEDES. Então aqui na Escola fomos convidados, o Stigger¹⁶, o Alex¹⁷ e eu e a gente constituiu o núcleo da Rede CEDES. Cada um tinha a sua pesquisa específica e a minha era voltada ao Centro de Memória do Esporte. Foi o que facilitou a compra de equipamentos, o pagamento de bolsistas, a compra de materiais. O Ministério do Esporte financiou vários projetos do Centro de Memória, como a digitalização dos acervos... Nós participamos duas ou três vezes de editais que concorreram tanto pela Rede, quanto numa demanda específica do Ministério para a digitalização de acervos.

C.M. – Teve algum outro edital ou política específica para a Memória ou preservação de acervos que o CEME conseguiu apoio?

S.G. – Que o edital fosse específico para isso não, mas todos os projetos de pesquisa que eu tenho nesses últimos quinze anos estavam ligados à memória, com exceção dos dois últimos, no produtividade¹⁸ pesquisa que são relacionados com o temas relacionados às

¹⁵ Leila Carneiro Mattos.

¹⁶ Marco Paulo Stigger.

¹⁷ Alex Branco Fraga.

¹⁸ Edital para bolsa de produtividade pelo CNPQ.

questões de gênero e à sexualidade. Todos os outros editais como, o Edital Universal¹⁹, o Edital FAPERGS²⁰, o Edital da UFRGS, o Bolsa de Iniciação Científica, os Editais do Ministério do Esporte, todos foram direcionados para a estruturação do Centro de Memória. Então todos eles foram voltados para a estruturação desse espaço, que foi um espaço que, inclusive, a gente reformou e ampliou via uma Emenda Parlamentar junto com o Deputado Henrique Fontana²¹. A gente fez uma conversa para que esse espaço, que a gente está hoje, pudesse ser reformulado e reformado. Eram duas salas de aula e se transformou num espaço de Centro de Memória, também foi tudo via conversação ou editais.

C.M. – Esse espaço que tu fala, que foi reformado, eram as quatro salas?

S.G. – Sim. Se transformaram em quatro salas. Essas quatro salas, em tese, são do Centro de Memória do Esporte. Elas foram constituídas, isso deve ter sido em 2005, quando teve o primeiro CONBRACE²² aqui. A verba veio já nesse período de 2005 e foi reformulado todo esse espaço. Feito essa divisória, feito as duas salas, a sala de exposições, então, essa verba que veio para a UFRGS veio via uma Emenda Parlamentar.

C.M. – E como foi formando a temática dos acervos?

S.G. – Então, o Acervo da ESEF²³ já existia, o Acervo do Lazer da Lenea Gaelzer e do Frederico Guilherme Gaelzer, já estavam na ESEF, já tinham sido doados. O Acervo do Rolla²⁴, a Biblioteca do Rolla, já tinha sido comprada quando eu entrei. Algumas Escolas de Dança tinham doado alguns materiais, mas não eram muitos... A doação do acervo do Doutor Licht²⁵ já foi um processo que aconteceu quando eu estava na coordenação. O do Inezil²⁶ também...

¹⁹ Edital do CNPQ.

²⁰ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

²¹ Henrique Fontana Júnior.

²² Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em 2005 na ESEFID.

²³ O nome do acervo ESEF se refere ao antigo nome da ESEFID, Escola Superior de Educação Física.

²⁴ João Luiz Rolla.

²⁵ Henrique Felipe Bonet Licht.

²⁶ Inezil Penna Marinho.

C.M. – O do CBCE²⁷ e o do Movimento Estudantil...

S.G. – Tanto o Acervo do CBCE quanto o do Movimento Estudantil, eu acabei assinando com as entidades responsáveis a doação. Então, era o momento que estava iniciando esse movimento, a Janice e a Rosalia fizeram esse movimento de iniciar, de identificar os acervos, de conversar com algumas pessoas para trazer esses acervos para cá. O próprio Acervo do CBCE, já tinha havido uma conversa da Janice com o Elenor Kunz, que era presidente do CBCE na época, de trazer esse material para cá. Tinham algumas tratativas já em andamento, não foi só resultado desse período de 2000 para cá, ele já existia. O próprio Acervo do Rolla, algumas exposições que já tinham sido feitas antes com o Acervo Olímpico, ainda que o Doutor Licht venha doar depois, mas já existia uma perspectiva de mostrar esse acervo. No Fórum Olímpico²⁸, que aconteceu aqui, que foi nessa transição entre Janice e eu. A gente ainda fez coisas juntas antes de ela sair para o doutorado, a gente produziu um ou dois textos que foram apresentados em congressos, foi nesse processo de transição da coordenação do Centro.

C.M. – E foi mais uma tentativa ativa do Centro de Memória de buscar esses acervos ou teve algum que veio por interesse dos doadores?

S.G. – Acho que as duas coisas Chris, acho que teve especificidades. Do Inezil, acho que foi claramente a gente procurar a família e ver se eles não tinham interesse em doar esse material para cá. O CBCE foi uma iniciativa assim também. O Movimento Estudantil... Quando a gente soube que o material estava em Vitória e que estava guardado e que não estava disponível, a gente propôs para a Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física que fizesse a proposição no Encontro Nacional dos Estudantes de trazer esse acervo para cá. Então os estudantes da ESEF também procuraram o Centro de Memória para ver se tinham a possibilidade de abrigar esse acervo. Então são específicos. O Doutor Licht

²⁷ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

²⁸ O Fórum Olímpico 2000 foi organizado pela Escola de Educação Física em conjunto com a Academia Olímpica Brasileira e as Federações Esportivas do Rio Grande do Sul. Aconteceu em Porto Alegre no mês de junho de 2000.

tinha a possibilidade... Ele queria doar esse material e a PUC²⁹ queria comprar. Ele não quis vender, ele quis doar para a UFRGS. Então são coisas que tiveram várias possibilidades, além do que pequenos acervos que são doados... quando uma a pessoa morre, alguém da família diz: “Não quero mais isso, tem interesse para vocês?”. A gente tem uma série de documentos que chegaram aqui nessa perspectiva também e num determinado momento a gente colocou uma informação naquele Almanaque Esportivo da Zero Hora³⁰ que tinha o Centro de Memória, para ver se alguém queria doar acervo. A gente fez a Campanha “Seja Amigo do CEME”, que era um folderzinho que chamava atenção para isso. Algo tipo: “Se você quiser doar o seu acervo faça contato com a gente”, então, teve essa perspectiva também de captação de acervos.

C.M. – E no início, como é que o CEME foi se apropriando desses conhecimentos da Ciência da Informação? As bibliotecárias? E quando começa a aparecer o pessoal da Museologia?

S.G. – Da Museologia é muito recente. Tinha a Vera que era museóloga, mas na verdade ela era Técnica em Museologia. Ela não tinha feito o curso de Museologia, porque não existia aqui no Rio Grande do Sul. Ela era técnica em Museologia, então, teve uma aproximação com a Vera. Quando o Curso de Museologia foi criado na UFRGS, o próprio Curso começou a procurar os acervos. Daí surgiu a REMAM³¹, que é a Rede de Museus e Acervos, que também entra nessa perspectiva. Mas o CEME teve sempre uma proximidade muito grande com a Biblioteca, mais especificamente na sua criação, porque grande parte dos acervos era originária na Biblioteca. Era o Acervo da Escola, o Acervo do Rolla que foram comprados os ... O que aconteceu também é que teve um incêndio no prédio do Centro de Memória, algumas pessoas não sabem, mas teve um período que esse prédio aqui³² ameaçou de pegar fogo, onde estavam os acervos. Não vou esquecer nunca: eu estava em casa, a Cris³³, da Secretaria da Especialização, ligou e disse: “Silvana, o CEME está pegando fogo!”. Quase enlouqueci, eu vim chorando de lá até aqui. E quando a gente chegou aqui tinham bombeiros, então, todo o acervo estava lá atrás... Na época tinha a sala

²⁹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

³⁰ Jornal impresso que circula no Estado do Rio Grande do Sul.

³¹ Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS.

³² A professora indica para o prédio do ginásio.

pequena, depois a gente saiu desse espaço pequenininho e a gente ocupou onde hoje é a sala Morgada Cunha. Então os livros estavam ali. A gente tinha quase todo aquele espaço, que era um espaço ocioso e no fundo tinha uma oficina de restauro que a Vera trabalhava. Quando começou a pegar fogo, os livros estavam ou lá no fundo no restauro, ou aqui nessa ante sala, daí o que a gente fez? A gente fez uma corrente, os alunos entraram e a gente foi passando todos os livros, um passando para o outro, um passando para o outro e a gente tirou todo o acervo para a rua enquanto os bombeiros tentavam apagar o incêndio. E apagaram rapidamente, mas daí veio água e tal, então, a partir desse momento os livros voltaram para a Biblioteca porque o prédio já não tinham condição de abrigar. Então isso eu não lembro que ano foi. Depois a gente pode procurar nas reportagens, nas notícias, deve ter sido 2003, 2004, talvez esse incêndio. E as bibliotecárias tiveram sempre muito junto do CEME, principalmente na catalogação dos livros e na identificação do que é uma obra rara. Obra rara no sentido histórico, de colocar na catalogação o “H” que significa que ele pertence ao Centro de Memória do Esporte ou que é o Acervo Histórico da Escola. As bibliotecárias da Escola são parceiras do nosso trabalho há muito tempo, mais recentemente, a Naila³⁴ e a Ivone³⁵.

C.M. – Ainda sobre a sala, você pode falar um pouco como foi diminuindo o espaço do CEME.

S.G. – É, é tanto tempo, que eu posso me equivocar nas datas. Quando a gente chegou tinha esse espaço que era praticamente todo o fundo do ginásio; depois a gente veio para cá, tinham essas quatro salas. Quando se criou a Rede CEDES, que era vinculada às Ciências Sociais e Humanas, então, a gente instituiu que uma sala do CEME ficaria para a Rede, porque eram três projetos específicos. Depois, quando o Leonardo³⁶ assumiu o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte não tinha o espaço na Escola. O Colégio historicamente está vinculado com as Ciências Sociais e Humanas, então veio para cá. A gente instituiu também que a sala deixou de ser da Rede CEDES e passou a ser também compartilhada com o CBCE. Então a gente perdeu um espaço. O espaço dessa sala de aula aqui

³³ Maria Cristina Goulart Lunardi.

³⁴ Naila Touguinha Lomando.

³⁵ Ivone Job.

³⁶ Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga.

ao lado seria uma sala de seminários mas sempre foi de uso de toda a Escola, até pela falta de outros espaços. E nossa Sala de Exposição foi garantida até muito recentemente. Infelizmente no início deste ano, com a criação de novos cursos na ESEF, a direção comunicou que precisava desse espaço. A negociação, para dar continuidade, é que a gente faria em vários espaços da Escola, espaços de memória. Então, na entrada do Lapex³⁷, aqui em baixo, no hall de entrada, no ginásio... A ideia é que o nosso acervo pudesse estar espalhado em vários espaços e que não ficasse só localizado na reserva técnica. Eu penso que perder essa sala de exposições foi muito ruim para o CEME, porque a gente tinha uma visibilidade que hoje não tem mais. Muitas pessoas que vinham para a ESEF visitavam nossas exposições. As escolas públicas e privadas que participam dos projetos de extensão que acontecem aqui na Escola, em grande medida vinham para cá, a gente explicava, sempre tinha orientação sobre a exposição que estava montada. Então, em termos de visibilidade o CEME perdeu e em termos de formação de público para sensibilizar para a memória foi fatal, porque uma coisa é tu olhar uma exposição, uma medalha, um documento, uma peça de dança e se sensibilizar para aquela história, outra coisa é tu fazer isso sem mostrar nada, é *muito* ruim. Os projetos sociais como o Quero-Quero³⁸, as crianças vinham aqui e, a crédito, que hoje perderam nesse sentido. Perderam a chance de ver algo histórico, diferente. E mesmo a participação da ESEF, do CEME num projeto como o Portas Abertas³⁹, que era um dos nossos principais e que sempre teve muito público, se perdeu. Então acho que houve um dano bastante grande ao trabalho do Centro de Memória, porque a gente perdeu um espaço importante de formação e de visibilidade.

C.M. – E agora sobre a equipe de trabalho, que perfil de pessoas tem circulado pelo CEME?

S.G. – Olha! O perfil é muito diverso. Tem a Leila e eu estamos fixas. Eu acho que a Leila chegou para o Centro de Memória pelo fato de ela também ter feito História. Eu penso que logo depois que a Tânia saiu, tenho que confirmar essas informações; a Berenice acabou saindo do Centro de Memória também, foi trabalhar no Museu da UFRGS. A Leila

³⁷ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

³⁸ Projeto de Extensão de iniciação esportiva, ligado à ESEFID.

trabalhava lá no Centro Olímpico, eu sabia que ela tinha feito História; estava fora de função e achava que ela tinha conhecimento para colaborar no Centro de Memória. Então a Leila e eu somos as fixas em grande parte desse período, eu acho que uns dez anos estamos juntas. Daí a equipe tem as bibliotecárias, geralmente Naila e Ivone, que ficaram mais próximas, mas atuando na biblioteca, não aqui no CEME. Portanto fazem parte da equipe no sentido de colaborar com a catalogação, identificação dos materiais. A equipe é formada por mestrandas, doutorandas, bolsistas de iniciação científica, bolsistas de extensão, e vai variar conforme os projetos que são aprovados. Grande parte dos projetos tem relação com História Oral e com o Garimpando Memórias⁴⁰ que é de 2002, mas também tem um outro campo que eu atuo que é o de Gênero e Sexualidade. Então, por um momento, o grupo foi constituído assim. Teve um período, e tu conheces esse período, que tinham muitas pessoas da dança, porque as mestrandas estavam envolvidas com dança. Hoje tem um grupo grande de futebol de mulheres, porque tem um projeto de pesquisa em andamento sobre futebol de mulheres. Então, como o CEME não é institucional, digamos assim, é muito pautado nos projetos de pesquisa que eu tenho, o perfil acaba não sendo um perfil único. Agora tem os estudantes da Museologia, acho que foi importante o acordo e a parceria que agente fez com a Museologia, de estudarem os nossos acervos; uma parceria com a professora a Jeniffer⁴¹ principalmente. Enfim, a equipe não tem um perfil único, é um perfil plural, conforme os projetos vão acontecendo.

C.M. – O CEME nesse período teve grupo de estudo?

S.G. – Tem o GRECCO que é o grupo de estudos que praticamente existe desde a minha inserção no Centro de Memória, tanto é que o GRECCO também foi mudando o perfil, foi mudando até o nome do GRECCO. No momento que eu estruturei o GRECCO, eu trabalhava muito mais com o corpo do que efetivamente eu trabalho hoje, então, ele era se intitulava Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo. Hoje, ele é o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História, porque a História meio que permeou esse tempo inteiro. Então a minha relação com o GRECCO e com o CEME ela é conjunta, às vezes a gente nem

³⁹ Projeto da UFRGS que ocorre todo ano que tem por objetivo apresentar a universidade para a comunidade, especialmente, para alunos do ensino fundamental. Normalmente acontece em um sábado do mês de Maio.

⁴⁰ Projeto Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança.

separa, não sabe o quê é o quê, se a gente está fazendo coisas do GRECCO, se está fazendo coisas do CEME. Quando eu fiz essa separação na minha cabeça, era para pensar que o CEME é mais institucional, mesmo que ele não seja reconhecido como institucional dentro da Escola; ele é um projeto de extensão, mas ele tem essa coisa dos acervos, da política dos acervos, que tu estas construindo, a relação de preservação e não necessariamente pesquisa sobre isso. Então o grupo se caracteriza mais como projeto que pesquisa com base nesses acervos e em outros temas porque nem todas as pesquisas do GRECCO são vinculadas ao CEME. Aliás a grande maioria não é sobre os acervos do Centro de Memória.

C.M. – Agora eu queria que você falasse dos grandes projetos: o Garimpando Memórias e o Lume - Repositório Digital da UFRGS.

S.G. – Acho que o Garimpando Memórias é o primeiro grande projeto em termos de pesquisa, que é uma permanência desde 2002. Ele se estrutura junto com o GRECCO e é o Programa de História Oral, no qual a gente tem as entrevistas, que toda equipe acaba se envolvendo, trabalhando com História Oral.

C.M. – Teve algum motivo especial de criar o Garimpando Memórias naquela época?

S.G. – Não sei, não sei da onde veio a ideia tenho até que tentar lembrar, que realmente eu não sei como surgiu o Garimpando.

C.M. – Se tinha algum projeto específico, ou ia se fazer uma História da ESEF, ou História de algum esporte específico.

S.G. – Eu não lembro, realmente eu não lembro. Eu preciso pensar o que foi que originou a criação do Garimpando. Porque foi em 2002, eu não trabalhei com História Oral no meu doutorado, eu acho que foi na tentativa.... Acho que... Sim, agora estou me lembrando um pouco: eu fazia a discussão na disciplina de História, que eu ministrava na graduação, sobre a discussão das fontes. A ideia de não considerar apenas fontes históricas as fontes da escrita documental, mas que existiam outras possibilidades. Eu não trabalhava com

⁴¹ Jeniffer Cuty.

Estudos Culturais nessa época ainda, trabalhava com a ideia da História Cultural e muito influenciada pela leitura do Marc Bloch com a noção de ampliar a noção de fonte e aí eu comecei a pensar: “Tem tanta gente que pode narrar histórias sobre Esporte, Lazer e Educação Física”. Então surgiu nessa perspectiva, de começar a estruturar outras fontes, que não as fontes documentais. Daí a gente foi para a História Oral, eu mergulhei um pouco na História Oral. Os bolsistas, que naquela época estavam trabalhando comigo, começaram a fazer entrevistas para os seus projetos específicos, mais na Iniciação Científica, porque eu nem atuava na Pós - Graduação ainda. Eu entrei na Pós-Graduação em 2004, eu fui convidada antes mas eu dizia que achava que ainda não estava preparada para entrar na Pós-Graduação. Nem era essa competição enlouquecida da produção, mas que eu queria primeiro chegar um pouco na Escola.

C.M. – E sobre o Repositório? Qual foi a ideia?

S.G. – O Repositório, como foi a ideia... Eu comecei a brincar com as páginas, de criar páginas na internet. Eu fiz um curso, algumas aulas, com um aluno aqui da escola na época, o Alexandre⁴² que fazia a página, eu acho que da biblioteca, ou tinha um *software*. Eu fiz um pequeno curso com ele para aprender a fazer páginas, porque eu queria fazer a página dos projetos de pesquisa. Daí aprendi a fazer uma página e me encantei com a página. Era uma página feia, básica, era o básico, do básico, do básico. Foi a partir de um projeto que a gente fez com a Ludmila⁴³ e o Votre⁴⁴, uma demanda do Ministério do Esporte, que era sobre Gênero e Sexualidade, para discutir sobre as políticas. Eu criei a página desse projeto, comecei a me encantar e ver a importância que tinham os recursos digitais. A partir disso foi ampliada a página do Centro de Memória, foi criada uma página nova, a gente criou a página do GRECCO, foi meio que um conjunto, logo depois teve aquele projeto aprovado pelo Ministério do Esporte da História da Escola de Educação Física, que era um projeto em conjunto com Alex, Stigger, Molina⁴⁵, eu e Janice. Foi um projeto aprovado pela Rede CEDES para construir um banco de dados sobre a Escola de Educação Física. Englobava todos os professores, todos os técnicos e, no princípio, todos os alunos

⁴² Alexandre Simões.

⁴³ Ludmila Nunes Mourão.

⁴⁴ Sebastião Josué Votre.

⁴⁵ Vicente Molina Neto.

que tinham passado pela Escola. Mas a gente foi abrindo mão, pois a Escola estava fazendo 70 anos e vimos que recuperar o nome de todos os alunos era impossível fazer. Mas dos professores e dos técnicos por determinado momento, a gente fez e depois esse projeto ficou... Eu passei a responsabilidade para a direção da ESEF porque era um projeto institucional importante, achava que a Escola deveria dar continuidade a isso, que não era mais um projeto de pesquisa meu ou desse grupo, porque terminou o financiamento desse projeto, mas daí ele também não aconteceu. Então nesse processo a gente fez essas páginas do CEME, do GRECCO e também da REDE CEDES, que foi um bolsista que tinha feito. Daí eu comecei a me encantar com isso e com essa possibilidade de ver a digitalização de acervos, que foram dois ou três projetos do Ministério que eu pedi verba para digitalização do Acervo do Inezil e dos nossos documentos, para tentar colocar isso on-line, não só ter o acervo digitalizado, mas ter também o acesso dele *on line*. Daí surgiu o Lume nesse processo, o LUME como Repositório da UFRGS. Eu fiz o primeiro contato com o CPD⁴⁶ vendo a possibilidade do acervo do Centro de Memória ficar disponível também, foi um processo acho que, sei lá, teve um ano de conversa. Tanto é que tinha um LUME, que depois foi redimensionado. A UFRGS mesmo reestruturou o LUME e nesse processo a gente aprovou um projeto do Ministério do Esporte que foi o Projeto Memória do Programa Segundo Tempo. O CPD foi claro: “Pode fazer mas a gente não tem espaço para alojar esse material todo, vocês precisariam comprar um equipamento”. Na época se chamava de um servidor, que eu nem sabia o que era isso e que custou trinta mil reais, na um dinheiro significativo. Então, por meio do Ministério do Esporte, a gente conseguiu essa verba, comprou um servidor que foi direto para o CPD e tinha uma técnica do Centro de Processamento de Dados trabalhando na nossa equipe. Surgiu, então, a possibilidade de criar um modo de inserir o acervo do CEME no Repositório Digital e daí acho que foi um ano de conversa com a Comissão de Automação do Centro de Processamento de Dados. A conversa foi com a Comissão de Automação do Centro de Processamento de Dados, as duas bibliotecárias, Naila e Ivone, e eu como objetivo de criar os metadado específicos criar a partir da experiência do Lume. O Acervo do CEME foi a primeira sub-comunidade que o Lume teve, então, foi um trabalho construído em conjunto, foi um processo muito lento de discutir cada metadado, o que era metadado, como ia ser a inserção dos acervos, como e o que seriam os dados mais importantes de visibilizar ou não. Daí tu acompanhou

⁴⁶ Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

muito disso, não é Chris? E ainda é uma reconstrução até hoje. Teve um primeiro momento que houve a inserção, principalmente dos materiais da dança, do Acervo Iconográfico. Primeiro foram só as fotografias, o material da dança, que foi a Heloisa Carmona⁴⁷ que fez e que trabalhou também como funcionária do CEME, depois que ela saiu da assessoria da Direção. Ela era da secretária da Direção da ESEF e trabalhou conosco um tempo. Tinha a contribuição da Vera Rangel, que era essa museóloga que trabalhava conosco e que também fez um primeiro processo de inserção no Lume. Na época também tinha a Luciane Soares⁴⁸ também trabalhou, que era bolsista do Centro de Memória. O LUME modificou e nessa modificação teve toda a reestruturação dos campos e dos metadados para a inserção de novos acervos. Eu lembro que quando eu fui para Portugal para o pós-doutorado, fiquei dez meses lá, eu trabalhei pesado na estruturação do Repositório, do que veio a ser o repositório depois. Trabalhei muito na divisão das cinco coleções: de depoimentos, documental, iconográfica, audiovisual, tridimensional... Além dessas, vale ressaltar, nossa insistente tentativa com o CPD de criar uma coleção específica para inserir os periódicos e que, no momento inicial do Repositório, não tinha sido aprovado. Ano passado eles criaram essa coleção específica - a coleção dos periódicos - que entrou em operação agora e resultou de um trabalho muito minucioso. O Repositório Digital me dá *muito* trabalho até hoje, porque volta e meia o CPD traz uma novidade para a gente, e coo eu reviso cada item que é inserido lá, eu tenho tarefas diárias. No entanto, eu acho que o sucesso do Repositório e da nossa subcomunidade CEME, se dá pela exigência da Comissão de Automação do Centro de Processamento de Dados. Elas observam qualquer errinho que aparece, às vezes até um erro de digitalização. Às vezes eu escrevo fotografia e são fotografias... Enfim, como eu ia dizendo, até a gente acertar todos os detalhes do Repositório foi um processo bastante grande e longo. E não cessa porque seguidamente temos que reestruturar alguns itens e o modo de disponibilizá-los. Agora, por exemplo, a gente tem que reestruturar a inserção dos depoimentos, das entrevistas realizadas pelo Garimpando Memórias. Quando o projeto começou, em 2002, alguns detalhamentos não apareciam. O próprio termo *depoimento* já seria um termo que hoje eu não utilizaria, seria entrevista, mas ficou depoimento e vai ficar porque também a palavra tem história. Então as entrevistas, o modo de nomear as entrevistas, o título das entrevistas, a gente tem que modificar os campos de inserção porque, pela natureza do documento, as entrevistas não

⁴⁷ Heloisa Perlott Carmona.

são inseridas no Repositório pela a nossa equipe. Quem insere as entrevistas são as bibliotecárias porque a catalogação é um pouco diferente da catalogação que a gente faz. O que eu tenho feito desde o ano passado: eu encaminho para a Ivone, que é a bibliotecária que insere as entrevistas no LUME, uma vez inserida no LUME e no Sabi⁴⁹, a entrevista migra automaticamente para a nossa coleção de Depoimentos. Assim, quando eu envio para a Ivone a entrevista, ela já vai com todas as informações necessárias tais como palavras-chaves, subcomunidade, coleção, biografia da pessoa entrevistada... Isso serve para uniformizar o projeto. Então, já vai identificada se a coleção é Olímpica, Educação Física, Dança, ou seja, as coleções do CEME assim como as palavras-chaves que vão aparecer visando manter um padrão em relação à inserção dos outros acervos.

C.M. – E, qual o impacto do Repositório para o CEME?

S.G. – Ah! Eu acho que visibilidade é uma delas porque qualquer tema que a gente vai procurar, por exemplo, no Google, o que a gente acha? Centro de Memória do Esporte. A gente quer buscar informações sobre alguma pessoa que entrevistamos e, não raras vezes, caímos Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte. Eu tenho visto que o nosso Repositório aparece em outros bancos de dados... quando a gente estava organizando uma exposição sobre o professor no Gaelzer, fizemos buscas na internet e percebemos que nosso acervo estava sendo disponibilizado por outras páginas e banco de dados. Acho que essa ideia do Movimento de Acesso Livre à Informação, é absolutamente pertinente, porque os acervos circulam em vários espaços. Isso é muito bom para a divulgação do que a gente tem aqui em termos de acervo. Além do reconhecimento... Acho que o próprio LUME, por ele ser considerado o primeiro Repositório Institucional entre as Universidades⁵⁰, o primeiro na América Latina... Uma das razões dessa classificação se dá pela diversidade de acervos que o LUME comporta. E quando se fala em diversidade do acervo, o único acervo que tem dentro do LUME com depoimentos, objetos tridimensionais, iconográficos, documentais, de periódicos e audiovisual é o do Centro de

⁴⁸ Luciane Silveira Soares.

⁴⁹ Sistema de Automação de Bibliotecas.

⁵⁰ O Lume foi considerado o melhor repositório institucional da América Latina em 2014 pelo The Ranking Web of Repositories (http://repositories.webometrics.info/en/Latin_America/Brazil). Em 2016 ocupa o segundo lugar. Sendo o melhor entre as Universidades Federais do Brasil.

Memória do Esporte. Eu acho que a gente contribui nesse sentido na construção de um acervo diversificado que pode ser acessado pelo Repositório Institucional.

C.M. – E como vocês tem organizado a política de acervos?

S.G. – Essa pergunta quem deveria responder é tu, Christiane [risos] porque estás à frente da construção dessa política. Bom, a partir do diálogo com a Museologia, houve a tentativa de pensar numa política. Porque uma das questões que nos debatemos há muito tempo é essa: qual é a nossa política? O que a gente recebe e o que a gente descarta? Porque, tu sabes disso, vinham várias pessoas querendo doar acervo e daí, o que se, faz com esses acervos? Vamos receber, não vamos receber? Então acho que essa pergunta eu joga para ti porque tu está muito mais envolvida com a construção de uma política do que eu. Foste fazer uma disciplina na Museologia, tens dialogado muito mais do que eu com as professoras e está trabalhando muito mais na elaboração dessa política. Eu faço a revisão, digo? “É. Não é. Acho que aqui tem que melhorar. Acho que isso não faz parte de nossa política...”, mas essa discussão, não sou a pessoa mais apropriada para fazer, porque efetivamente não sou a pessoa que está demandando isso. Acho que a tua discussão com as professoras da Museologia é que propiciou a construção desse documento, que está para ser finalizado.

C.M. – Como foi a inserção do CEME na Rede de Museus da UFRGS?

S.G. – Então, a UFRGS fez um mapeamento de todos os espaços museológicos que tinham acervos, acervos ou espaços museológicos. Houve um convite para participar da construção da Rede e, como a gente já tinha mais ou menos estruturado o acervo, a gente começou a participar das reuniões e contribuiu para a construção da Rede.

C.M. – E qual a função da Rede da UFRGS? O que tem se tentado fazer na Rede?

S.G. – Acho que tem tentado várias coisas. A primeira ação da Rede foi conhecer a si mesma, ou seja, os espaços museológicos e de Acervos da UFRGS porque uns não conhecem uns aos outros. Assim, no primeiro ano da Rede a gente fez visitas aos vários

espaços para se conhecer. Uma segunda ação foi a tentativa de um edital conjunto, que foi enviado para estruturar a própria Rede como a produção de materiais de sinalização de cada espaço. Foi um edital que a gente acabou ganhando pelo IBRAM⁵¹. Esse é um dos temas das reuniões da Rede: pensar numa política de captação de recursos, de estruturação dos espaços, de organização dos espaços museológicos e de reconhecimento pela Universidade desses espaços, porque em grande medida e grande parte deles, tanto quanto o CEME, estes espaços não são institucionais, são projetos conduzidos por professores ou por servidores técnicos, ou seja, não tem uma institucionalização do espaço de Acervo Museológico, ele acontece por iniciativa de uma, duas, três pessoas. Quando essas pessoas se aposentarem, o grande medo é: o que vai acontecer com essa trajetória que foi construída? Então a Rede tenta pensar isso, essa organização e, de certa forma, assegurar que isso não fique com as pessoas, mas que se institucionalize de algum modo.

C.M. – E agora sobre as pesquisas, onde você tem feito circular as pesquisas nesse período que tu está?

S.G. – Ah! Olha na página que você vai ver... Tem *muita* publicação....

C.M. – É mais para a área da Educação Física ou para Educação?

S.G. – Pra tudo, pra tudo, porque a gente dialoga com as Ciências Sociais e Humanas o tempo inteiro, então, a gente tem publicação na História, tem publicação na Antropologia, tem publicação na Pedagogia, tem publicação nas Ciências da Comunicação, na Dança, na Educação Física, então, vai depender... Porque tem muita diversidade de temas e pesquisas... São quase vinte anos de Centro de Memória. Digamos que anos todos são muitas pessoas... tem graduação, especialização, mestrado, doutorado e até pós-doutorado. Acabou dando essa diversidade na publicação. Não tem um objetivo e acho que é importante registrar que a equipe do CEME não se preocupou com a ideia da produção para a pontuação exigida para a pós-graduação. Muito do que a gente publica e eu afirmo que não é pouco, é em formato de capítulo de livro e em periódicos que não são qualificados dentro da avaliação da pós-graduação. A gente se preocupou com isso, de não

⁵¹ Instituto Brasileiro de Museus.

publicar só para se manter, alunas e eu, na pós-graduação. Ao contrário: a gente publica muitas coisas e faz muitas ações que não contam, por exemplo, a criação da coleção de e-books⁵². Não conta nada na pós-graduação e nos dá trabalho para caramba porque envolve digitalização, organização, revisão, construção, publicação. A gente faz tudo, mas simplesmente não conta nada em termos de pontuação dentro dos atuais critérios de avaliação da pós-graduação. São publicação em jornais, em revistas, as exposições que organizamos e que nos dá um trabalho tremendo para fazer... Em termos de avaliação da Capes⁵³, não significam absolutamente nada. Acho importante registrar que estou preocupada com lógica produtivista, de produzir para pontuar. Publico muita coisa que não pontua absolutamente nada. A gente tem uma função e eu acho que o Centro de Memória tem uma função política e tem exercido isso com propriedade. Uma delas é a adesão ao Movimento de Acesso Livre à Informação. E eu acho que hoje o grande movimento político que a gente faz é esse: disponibilizar gratuitamente aquilo que a gente faz. Seja divulgar por meio do Boletim⁵⁴, que todo o mês sai e divulga o que a gente está fazendo, seja por intermédio dos artigos são publicados, seja na filmagem alguns eventos e sua posterior divulgação, seja no registro de fotografias, nas páginas que criamos na internet e no facebook⁵⁵... Enfim, as iniciativas de tentar mostrar e disponibilizar... Não é sem razão que no face do CEME a gente tenta, pelo menos uma vez por semana dizer: “Você sabia que tem o Acervo da Dança? Você sabia que foi entrevistado não sei quem...”. Isso nos dá visibilidade, mas visibilidade também é algo muito solto. As pessoas sabem o que a gente faz, mas isso não tem nos trazido mais dinheiro ou mais reconhecimento ou mais qualquer outra coisa. Nos dá trabalho e a gente sabe que esse trabalho é importante, porque ele tem uma função política. Eu vejo muito isso e às vezes me pergunto: “Por que eu trabalho tanto?” Eu trabalho *muito*! Eu chego no final da noite, eu não terminei o que eu tinha que fazer aquele dia. Penso: “Será que eu sou louca? *Workaholic*, que pensa muito em trabalho, trabalho, trabalho?”. Daí que eu me dou conta que tem coisas que eu não consigo não fazer, porque eu acho que tem que ser feito. O Repositório é uma coisa que dá muito trabalho, tu trabalhas no Repositório comigo praticamente o dia inteiro. É muito detalhe que tem que cuidar, qualquer coisinha... É trabalhoso revisar tudo aquilo, o tempo inteiro,

⁵² Coleção GRECCO.

⁵³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁵⁴ Boletim Informativo do Centro de Memória do Esporte, publicação mensal divulgada nos meios digitais.

mas ele é necessário, então, quando eu apresento o Centro de Memória em algum evento, eu fico emocionada por tudo o que a gente faz. É uma equipe que pega junto, todo mundo trabalha muito e a gente não ganha nem mais, nem menos com isso. A gente ganha, eu acho, pelo menos pra mim, essa ideia: “Estou fazendo alguma coisa que tem um significado social”. Eu acho que a nossa intervenção é um pouco isso assim, saber que isso pode ajudar as pessoas que vão pesquisar ou conhecer histórias que são desconhecidas. Acho que o CEME tem essa possibilidade de mostrar coisas que não são conhecidas e que na medida em que a gente bota para circular, a gente está exercendo uma tarefa, que eu penso, é da universidade pública, que é dar acesso, sem cobrar, aquilo que a gente tem produzido e que tem aqui no Centro de Memória preservado, então, para mim isso é muito importante. É muito significativo.

C.M. – E, ainda sobre a pesquisa, em relação à pesquisa histórica, o que o grupo tem utilizado mais em relação à metodologia e aportes teóricos?

S.G. – Então, é a História Oral e a História Cultural. Tu és uma pessoa que é importante, tua inserção no Centro de Memória é muito importante, tu acabou assumindo comigo e por mim uma serie de coisas que eu já não dou mais conta. Acho que isso é importante registrar, como não tem um grupo, como a gente não tem, digamos assim, um apoio institucional de ter uma equipe no Centro de Memória, ele é feito pelo trabalho dos bolsistas de Iniciação Científica, mestrado e doutorado, e é sempre um recomeço. Então, sempre tem que recomeçar do zero com a discussão de História Oral, porque não existe essa discussão, sempre começar do zero e chega um momento que eu já não dou conta de começar do zero, porque são três mil e outras quinhentas coisas, então, acabo passando essa tarefa para as orientandas de mestrado e doutorado. Então hoje a nossa estrutura é um pouco isso: ano passado tu assumiste essa tarefa junto com bolsistas que te sobrecarregou porque tens que produzir uma tese de doutorado. A gente conseguiu, inclusive por sugestão da Leila, de dividir as responsabilidades com cada bolsista. Hoje tem as mestrandas e doutorandas que ajudam na formação. Mas não dá para dar conta de tudo, não é uma formação qualificada, no sentido de ter uma discussão profunda sobre as temáticas, porque não dá para fazer isso. Até porque, grande parte dos estudantes que estão aqui não vão

⁵⁵ Rede social na Internet.

fazer pesquisa em História Oral. Alguns vão, outros não vão, ou mesmo nas temáticas que a gente acaba trabalhando. É muito dinâmico, tudo vai depender do que é o momento, tanto é que hoje grande parte do grupo está envolvido com o futebol de mulheres porque é um tema que apareceu, que atropelou minha vida do ano passado para cá e hoje quase todas as coisas que eu estou fazendo está relacionada, em termos de estudo, com o Futebol e Mulheres. Então é uma Exposição lá no Museu de São Paulo⁵⁶, são seminários, seminários, seminários, que acabam me chamando e daí que todo mundo que acabou entrando aqui, queira ou não, está um pouco envolvido com essa temática. Até porque os bolsistas que foram selecionados na última leva precisavam ter um envolvimento com essa temática, porque é a temática que está pulsando. Hoje o Centro de Memória, é uma referência em termos de discussão sobre o Futebol e Mulheres no Brasil, por conta disso. Pode ser que o ano que vem seja outra coisa com a proximidade dos Jogos Olímpicos⁵⁷, sei lá. É tudo muito *dinâmico!* É tudo muito dinâmico, vai muito do que está acontecendo no momento e daí o grupo vai se reestruturando, as perspectivas... Então, por exemplo, a discussão de Gênero e Sexualidade que a gente fez há um ou dois anos atrás, hoje já não tem mais tão fortemente. Tem a discussão sobre História Oral liderada por vocês, pode ser que em breve tenha outro tema pois não sei ao certo o que vem pela frente... É isso que eu digo: como não tem uma estruturação, como o CEME está muito pautado no que eu faço, as pessoas que estão aqui, de certo modo se relacionam com o que eu faço em termos de pesquisas e projetos de financiamento. E não estou dizendo isso para me gabar, ao contrário, porque é muito trabalho, mas não tem como não dizer que está vinculado com os projetos de pesquisa; todos os projetos do CEME são projetos de pesquisa que eu aprovei como pesquisadora no CNPq ou no Ministério do Esporte, no PIBIC⁵⁸... Está tudo envolvido com isso. Agora se aprovar o Programa Futebol e Mulheres do PROEXT⁵⁹, a gente ganha trezentos mil para dois anos, quer dizer trezentos mil para a gente é uma *fortuna*, pois com qualquer cinco mil a gente faz muitas coisas. Imagina receber um projeto de trezentos mil reais para um programa direcionado para a visibilidade das mulheres no futebol. Nós vamos produzir vídeos, livros, não sei o que, com essa temática. Acho que isso é interessante, isso é legal de pensar... Apesar do CEME ser reconhecido nacionalmente

⁵⁶ Museu do Futebol, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Estádio Municipal do Pacaembu.

⁵⁷ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

⁵⁸ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

como a referência para vários outros centros que hoje estão aí, apesar de a gente ter uma produção pesada em termos de pesquisa histórica, de acervo acho que a gente tem uma produção acadêmica boa, apesar de ter um repositório que ninguém tem no Brasil, um Repositório Institucional, com o acervo que a gente tem, sendo disponibilizado *on line*, isso não garante muitas coisas. No ano passado não ganhamos o PROEXT, que é um projeto de extensão dentro dessa área. Então se visibilidade desse retorno, eu diria que é tudo sucesso. Não! Eu estou dizendo que é o contrário, que é muito trabalho... A gente ganha aqui dez mil reais no máximo. Eu acho que o máximo que a gente já ganhou foi trinta mil num projeto do Ministério do Esporte para produzir aquela cartilha de gênero e sexualidade⁶⁰, que trinta mil não é para o projeto, era para pagar bolsistas aqui, pagar bolsistas no Rio de Janeiro, a gráfica, a diagramação do material, computador para cá, computador para o Rio de Janeiro, então trinta mil reais não é nada.

C.M. – Sobre as atividades de ensino e extensão com o CEME se relaciona com essas atividades?

S.G. – A gente vai fazendo conforme as coisas vão aparecendo... Acho que tem a ideia de envolver, de apresentar. Eu vejo que nem na Escola de Educação Física os alunos sabem que existe o Centro de Memória... Se a gente não vai na aula da disciplina da Janice que eu é...

C.M. – Sócio Cultural II.

S.G. – Não, ainda antes. A disciplina Introdução à Educação Física do antigo currículo... Hoje tem outro nome: Campo Profissional, se a gente não vai lá explicar que existe um Centro de Memória, isso passa batido. Então, tem essa tentativa de ir numa disciplina da graduação e mostrar o que é feito, mostrar os acervos. E quando falamos que o CEME tem a primeira medalha olímpica, as pessoas dizem: “Como assim?”. Está aqui e ninguém conhece isso. Então a gente tem tentado articular algumas outras iniciativas como, por

⁵⁹ Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.

⁶⁰ GOELLNER, Silvana Vilodre, VOTRE, Sebastião Josué, MOURÃO, Ludmila, FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

exemplo, disciplinas eletivas. Fizemos uma sobre Corpo, Gênero e Sexualidade, agora estamos ofertando uma disciplina sobre Futebol dialogando com as Ciências Sociais e Humanas.

C.M. – As disciplinas de Sócio Culturais, de História Oral?

S.G. – Na apresentação da disciplina de Estudos Universitários, sempre tem a participação do Centro de Memória que vai lá e apresenta; no Portas Abertas somos presença constante... Daí aparecem essas maluquices que a gente faz: exposição, seminário, mostra, criação dos e-books, as páginas, facebook, página do GRECCO, página do CEME, face do GRECCO e face do CEME, quer dizer são essas coisas que a gente vai fazendo no sentido de mostrar a riqueza do que tem aqui.

C.M. – Silvana, como você define o CEME? O que é o CEME?

S.G. – Ah! Como definir o CEME? Acho que o CEME é o espaço de preservação de memórias, acho que ele é isso, é um espaço que pulsa uma vida que muitas pessoas construíram. Acho que é um espaço de preservação da memória de pessoas que fizeram e não é pensar em grandes personagens, mas em pessoas que constroem as práticas corporais e esportivas e que as fontes documentais muitas vezes não dão conta de mostrar. Então eu acho que a gente faz aqui. Eu diria que é pensar na noção de Marc Bloch de ampliação de fontes, acho que o CEME tem feito isso, talvez pensando alto agora, o que é o CEME? Acho que é um espaço de produção de fontes, mais do que preservação de memórias. Eu estou raciocinando agora em cima da tua pergunta, porque eu acho que a gente tem feito isso, sobretudo a gente tem feito isso. A gente tem produzido, a gente tem criado fontes a partir do Garimpando, do Repositório, das pesquisas, da divulgação, do que está colocado aqui. Mais do que produzir histórias, a gente está produzindo fontes, acho que talvez essa seja a grande tarefa o que o CEME tem feito ao longo desses anos todos. É produzir registros que as pessoas podem se apropriar e a gente vê isso porque tem jornalistas buscando informação, são pesquisadores que buscam informação. Os materiais do Centro de Memória já foram objeto de tese e dissertação como são as entrevistas. A gente viu no passado com os Jogos Olímpicos e agora com as mulheres no futebol, que é uma loucura

que todo mundo quer saber se tem alguma coisa aqui ou não. Então, acho que é isso, a produção de fontes, isso talvez defina o trabalho que a gente tem feito, ao longo desse tempo.

C.M. – E, por último o que o CEME representa na sua trajetória de professora e pesquisadora?

S.G. – O CEME é envolvimento de mais de quinze anos da manhã à noite. Eu não sei o que ele representa, eu não sei como separar. Aliás, a grande dificuldade que eu tenho é saber o que é CEME, o que é GRECCO e o que é Silvana nesse processo. Porque é tudo muito imbricado, não tem muito como separar. Às vezes eu não sei se eu estou trabalhando com gênero e sexualidade, ou história, ou às vezes, eu sou esquizofrênica: tem essas duas vertentes, elas se atravessam o tempo inteiro, mas são dois temas que eu trabalho a muito tempo... Eu acho que o CEME é a Silvana institucionalizada em termos de produção de fontes e isso que tem sido o CEME. *Esse* CEME, não estou dizendo que isso se perpetue, mas enquanto eu estou aqui, eu acho que eu tenho um papel de dirigir o que o CEME foi, o meu envolvimento com a História Oral e mais recentemente com a tecnologia de informação, quando me encanto e vejo a possibilidade que isso tem. Olho para esse acervo, ele não pode estar guardado nos espaços que foram cada vez diminuindo. A gente está perdendo espaço pelo lado físico, mas a gente está ganhando uma outra dimensão que é a do espaço digital, ou seja, apesar de gente estar cada vez mais restrita no nosso espaço físico, a gente está ampliando a inserção do CEME, ampliando o espaço da divulgação do seu acervo. Então tem quinze anos que eu faço isso da manhã à noite, como também a disciplina que era primeiro, História da Educação Física, que eu ministrava e ministro na graduação e pós-graduação. Depois da reestruturação curricular ela passa a ser Estudos Sócio Culturais, que tem relação com as temáticas que eu trabalho, quer dizer, está tudo muito imbricado, não tem como separar isso. É muito difícil o que o CEME representa... O CEME é o que eu tenho feito nos últimos quinze anos, esse espaço é o espaço que eu adoro, adoro trabalhar aqui. Às vezes a gente tem crise e tal, já nem peço muita coisa porque... A cada início do ano eu dizia “Bem que eu poderia ganhar na loto, porque eu não quero começar a trabalhar”. Já nem faço mais isso porque eu curto muito vir trabalhar aqui. Porque a gente vê, é um grupo que pega junto e isso não foi sempre assim e talvez não seja

sempre assim, mas acho que é produto um pouco desse movimento, disso que a gente tem feito. As pessoas estão percebendo o que a gente está fazendo, se envolvem, mesmo que não seja com a temática da História, mas acabam se envolvendo de uma maneira ou outra. Porque não estamos restritas à História. Quando eu faço uma exposição, eu não estou restrita a espaço antigo da História, aquela ideia de que História é coisa do passado, morta, *não*! A gente está o tempo inteiro dando vida, dando movimento, criando registros, criando possibilidades para as pessoas acessar o que tem aqui. Então eu acho que isso é minha vida acadêmica, é fazer isso: brincar com a História e brincar com os temas polêmicos contemporâneos, como gênero, sexualidade, racismo... Então o CEME está muito colado na minha trajetória acadêmica. Antes eu trabalhava com a disciplina de História da Educação Física, sempre com História, mas não tinha esse espaço, que é um espaço de realização, um espaço que me coloca no mundo também. As pessoas quando falam do Centro de Memória, falam da Silvana, porque hoje tem uma identificação com esse tema. Enfim... são mais de quinze anos de muito trabalho e isso acho que é bom registrar, não é pouco trabalho não, é *muito* trabalho, é *muito* trabalho mas é um trabalho que me dá uma alegria *muito grande*. O dia em que eu me aposentar, eu já penso em me aposentar, mas continuar trabalhando com essas coisas. Quem sabe eu fico cuidando da página do Centro de Memória, do Face do Centro de Memória ou do GRECCO, que seja, porque eu visualizo um espaço importante no CEME e uma realização profissional. Eu me sinto muito realizada com o que a gente criou aqui, essas pessoas que o tempo inteiro foram produzindo o CEME, não sou eu... são as várias pessoas que passaram por aqui e que também construíram isso, cada uma no seu tempo com as suas condições, com a sua história de vida, mas o CEME passa por várias pessoas. Ainda que eu seja a única professora da Escola envolvida mais diretamente com o CEME, ele não é um projeto só pessoal, ele é um projeto coletivo de muitas pessoas. Agora agregando a Museologia, então não é mais só da ESEF... Quando vem a Museologia e cada semestre temos alunos aqui, olhando, ajudando a pensar a política e tal, quer dizer, tu vai vendo que ele vai ampliando a sua inserção.

C.M. – Silvana, gostaria de registrar mais alguma coisa.

S.G. – Não, acho que é isso. Acho que eu fui uma pessoa privilegiada ao poder fazer esse Centro acontecer desse modo. Poderia ser outro, se outra pessoa tivesse, mas enfim eu acho que o CEME para mim é um pouco isso mesmo: essa responsabilidade que a gente tem e não é discurso político vazio, é enquanto universidade pública, pensar nessa função social. Por isso eu não me preocupo escrever só artigo que conta pontos para a Capes e a pós-graduação. E essa é uma preocupação que faz parte, às vezes as pessoas dizem: “Ah! porque você é bolsa produtividade 1⁶¹ e tu só faz isso, faz isso para a produção”. Vai olhar minha produção! Tem muito mais coisas que não contam do que coisas que contam pontos para a Capes e isso significa trabalho. Significa acreditar numa ideia e eu acredito numa ideia, que é essa da divulgação da memória, ou seja, eu reconheço as pessoas que a construíram. E agora só para finalizar, trabalhando com o tema que me arrombou a vida desde o ano passado, com o Futebol das Mulheres... quando eu converso com essas primeiras jogadoras de futebol, eu vejo quão necessário é um espaço como o CEME ou como um projeto de História Oral, porque elas são fantásticas e não tem reconhecimento nenhum, como se não existissem na História do Esporte no Brasil. E quando tu fala, elas são super simples, elas não tem só um discurso queixoso, aliás, elas fazem mil agradecimentos por lembrarmos delas. Quando eu digo: “Eu falo de ti na minha aula”, elas dizem: “Eu não acredito que tu fala de mim! Eu apareço na tua aula? como assim?”. Eu digo: “Como é que não vai aparecer?”. A primeira mulher que arbitrou futebol, as mulheres que representaram o país e que não tem espaço nenhum. Então eu acho que o CEME e o GRECCO tem essa função que não é de mostrar que existem pessoas que estão fora do discurso oficial e que essas pessoas têm uma importância fundamental. Eu acho que é isso que um Centro de Memória deve fazer, como o nosso tem feito, mostrar que muitas histórias são possíveis. É a velha máxima “silêncio não significa ausência!”. O fato de não se falar sobre determinadas pessoas na história das práticas corporais esportivas, não significa que elas não existiram, mas que o discurso oficial não as visibilizou por algum motivo e a gente tem tentado fazer isso. E daí o CEME, quando traz esses acervos, o fato de muitos acervos serem doados para a gente como o Acervo do Mario Cantarino Filho⁶², o Acervo do Inezil, do próprio Licht, os Acervos da Dança... As pessoas reconhecem que o CEME é um espaço que cuida e isso é um grande reconhecimento, talvez o maior reconhecimento, da pessoa confiar aquilo da sua vida e entregar na mão da

⁶¹ Bolsa do CNPq para pesquisadores com determinado nível de produção científica.

Christiane, como o último acervo, o do professor Gerson⁶³ e dizer: “Bom, aqui eu sei que isso vai ser cuidado. Não tanto como a minha família, o dia que eu morrer pode ser que os meus filhos botem fogo na churrasqueira e essa minha história vá embora. Lá ela não vai embora, lá eu vou ter um protagonismo”. Que é um pouco do que essas jogadoras estão fazendo, elas dizem: “Silvana vou te passar as imagens”. E eu fico pensando assim: “Mandam imagens importantes, porque tem que ficar em algum lugar, eu vou morrer e a minha trajetória vai ficar no limbo”. Então reconhecer esse espaço como espaço que pode, de alguma maneira, guardar o que uma vida produziu. Eu acho que não tem coisa mais bonita do que isso em termos de retorno para a gente. Eu acho que é isso Chris, não sei, falei muito, se quiser retornar a entrevista, a gente pode voltar num outro momento, se ficou algum ponto sem esclarecer É esquisito falar com a Chris, dar uma entrevista. A gente tem uma relação, a Chris é uma pessoa... E eu quero que isso fique registrado na tua entrevista, uma pessoa que quando entrou no Centro de Memória, também se dedicou com muito empenho. Muito do que o Centro de Memória hoje é, é contigo também contigo e tu sabes disso...

C.M. – Obrigada! [emoção].

S.G. – A gente passa as madrugadas trocando planilhas: “Arruma ai, corrige”. Pronto, é isso.

C.M. – Muito Obrigado!

S.G. – E vamos em frente.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁶² Mário Ribeiro Cantarino Filho.

⁶³ Gerson Ruhe.